

As vítimas do massacre

José Aldemir de Oliveira*



SABATINI, Silvano. *Massacre*. São Paulo: Edições Loyola; Brasília: CIMI, 1998, p. 239.

É comum em algumas cidades da Amazônia logradouros públicos com nomes indígenas. No município em que se localiza a parte amazonense da Reserva Indígena Waimiri-Atroari, na cidade de Presidente Figueiredo, na vila de Balbina e do Pitinga na área nordeste do Estado do Amazonas, o nome de logradouros (ruas, vilas, praças) e estabelecimentos particulares (hotéis, restaurantes, lojas e estação de TV) referem-se à cultura Waimiri-Atroari. Essa “homenagem” não significa o resgate da memória e da cultura de um povo. Parece, isto sim, uma lembrança caricatural que entra no domínio do folclore.

A invasão do território dos índios Waimiri-Atroari retoma processo de ocupação da Amazônia, sendo que a partir de 1970 ocorreu de forma mais agressiva como parte da estratégia de ampliação da fronteira para a região mais setentrional do Brasil. Ao mesmo tempo, representou parte de um projeto de desenvolvimento nacional que substituiu uma abordagem de cunho predominantemente regional, existente até então, por outra de cunho inter-regional. Na verdade, este projeto articulou a exploração de recursos naturais, em especial minerais, como parte do processo de avanço da fronteira. No caso do território Waimiri-Atroari, não foi implantado apenas um projeto com dimensões inter-regionais, pois a criação da infra-estrutura que possibilitou a exploração de recursos minerais foi parte de um processo que objetivou a reprodução do

capital no âmbito nacional, e que se completou na mundialização do sistema, determinando uma forma de relação com as populações indígenas caracterizada pela violência.

O marco deste processo de invasão recente do território Waimiri-Atroari foi a construção da BR-174 ligando Manaus a Boa Vista e esta cidade ao Caribe. No período da construção da estrada ocorreram “conflitos” dos quais apenas se tem informações das mortes de brancos.

Como muito bem relatado no livro *É a FUNAI que sabe: frente de atração Waimiri-Atroari*, de Stephen G. Baines, a frente de atração marcou estreita colaboração entre o Exército e a FUNAI visando a implantação da estrada e posteriormente de grandes projetos destacando-se o Projeto de Mineração Pitinga e a Usina Hidrelétrica de Balbina. Os objetivos parecem explícitos e visavam afastar os Waimiri-Atroari da trajetória da estrada transferindo-os para as cabeceiras do rio Alalaú.

Um dos “conflitos” aconteceu em 1968, quando os membros da expedição do padre Calleri (formada por 7 homens e 2 mulheres), ao tentarem contatar os índios, foram mortos. *Massacre*, livro escrito pelo Pe. Silvano Sabatini e lançado no final de 1998 em comemoração aos 25 anos do Conselho Indigenista Missionário e após 30 anos do massacre, trata deste “conflito”.

*Professor do Departamento de Geografia e do Mestrado em Natureza e Cultura na Amazônia da Universidade do Amazonas.





O tema central do livro é a expedição Calleri que, no entanto, não é vista apenas por um arranjo linear, mas articulado ao processo vivido pelo Brasil em 1968, ao papel desempenhado pelos militares na ampliação da fronteira amazônica dos anos 70, ao jogo de poder dos coronéis nos órgãos públicos (DNER, FUNAI, DER-AM), ao papel da Igreja Católica, (nem sempre explícito no livro) e das missões evangélicas, especialmente aquelas que tinham participação de missionários estrangeiros (nem sempre tão missionários), segundo o livro.

A expedição do Pe. Calleri foi organizada com o objetivo de facilitar a construção da estrada que no final de 1968 se aproximava do rio Abonari, no centro do que restava do território dos índios Waimiri-Atroari. O grupo partiu de Manaus em meados de outubro de 1968 e, possivelmente, foi massacrado no início de novembro do mesmo ano.

O autor do livro não utiliza meias palavras quando trata de apontar os culpados pelo massacre da expedição. Aponta os erros do Pe. Calleri no planejamento da expedição especialmente quanto à mudança repentina do plano, tornando-a uma temeridade e apresentando boa dose de improvisação. Todavia, não credita a isso a causa do massacre, embora reconheça os erros de execução que parecem explícitos, como na transcrição da mensagem radiofônica de 24/10/1968 (p. 18). O autor sustenta que o massacre foi uma conspiração da qual participaram a direção do DER-AM e militares e foi executado por missionários ligados à Missão Evangélica da Amazônia (MEVA) com a participação do expedicionário Álvaro Paulo da Silva – Paulo Mineiro.

Para sustentar seus argumentos, o autor ouviu inúmeras pessoas, em especial indígenas. A voz dos índios é importante embora o

autor não tenha relativizado e contextualizado a fala dos índios, o que pode distorcer a análise. O mais complicado, no entanto, é a não preservação das fontes. Além de explicitar o massacre do Pe. Calleri, o autor apresenta pistas sobre o que ocorreu mais tarde com o sertanista Gilberto Pinto, morto em 1974. O relato de um índio, reproduzido no livro, mostra que a morte do sertanista foi uma reação dos índios ao lançamento de veneno sobre suas aldeias. O lançamento de uma fumaça branca sobre a aldeia é recorrente em relatos sobre os Waimiri-Atroari.

Massacre é um livro-denúncia apresentando uma visão integrada dessa complexidade que é o Brasil do final dos anos sessenta, estendendo os reflexos disso na Amazônia e em especial aos povos indígenas. O livro recupera em parte “uma verdade” da expedição Pe. Calleri, mas não recupera a História do oprimido, a verdade do vencido contra a prepotência ideológica do vencedor, o grito frágil contra a mordada do forte, pois se atém a discutir a expedição, não aprofundando no mais importante, que são as vítimas do massacre – os índios. Possui também o mérito de colocar na agenda o debate, não o massacre de uma expedição, mas a questão indígena.

Neste sentido é importante assinalar que vários trabalhos científicos sobre a ocupação recente dos Waimiri-Atroari foram elaborados. Entre as obras de cunho mais informativo, destaca-se *Waimiri-Atroari: a história que não foi contada*, de autoria do sertanista José Porfírio F. de Carvalho e este *Massacre*, de autoria do Pe. Silvano Sabatini, coincidentemente os dois têm como tema central massacre de brancos ocorridos em territórios indígenas. O primeiro relativo ao funcionário da FUNAI, Gilberto Pinto de Figueiredo Costa ocorrido em dezembro de 1974 e o segundo tratando da expedição do Pe. Calleri.

E o massacre na visão dos índios? É uma história que ainda falta ser contada. A esse respeito, é significativo o depoimento de um funcionário da FUNAI que foi um dos coordenadores da Frente de Atração Waimiri-Atroari e declarou em 1975, quando estava sendo iniciada a ocupação do território indígena: “Hoje em dia vamos em missão de paz, de amizade com os índios, mas na verdade estamos trabalhando como ponta de lança das grandes empresas e dos grupos econômicos que vão se instalar na área. Para o índio fica difícil acreditar em missão de paz se atrás de você vem um potencial de destruição”.

Massacre não é um livro fora de série, mas é desses livros que fazem pensar não tanto pela argumentação precisa que articula contextos por vezes inconciliáveis – a contextualização em excesso, dados históricos incorretos, prejudicam a sua leitura, tornando-se em algumas partes repetitivo e enfadonho – mas porque faz pensar sobre a produção das espacialidades amazônicas marcadas pela destruição da natureza e de modos de vida. Destaque-se ainda a coragem de seu autor em denunciar e documentar um capítulo violento da história não contada de uma Amazônia continuamente invadida.

